

**RISCAR A CIDADE EM GESTOS E RASTROS, CAMINHADAS E IMAGENS:
ESCRITAS URBANAS COMO UM AGIR URBANO DE POTÊNCIA
MICROPOLÍTICA**

Alice Diógenes Olimpio Dote Sá¹

Resumo: O fazer do coletivo Narrativas Possíveis, de Fortaleza/CE, transmuta-se na pesquisa Cidade Caminhante, na qual, através do caminhar, buscamos o encontro com escritas urbanas (frases e palavras deixadas nas superfícies da cidade em forma de pixação, estêncil, lambe-lambe). Mobilizamos, para tal, uma combinatória de métodos-táticas de pesquisa: caminhada, fotografia, audiovisual e desenho. No presente artigo, partilhamos duas das caminhadas realizadas no Centro de Fortaleza/CE, no intuito de, através dos encontros com tais imagens, pensar as maneiras pelas quais operam na cidade. Percebendo a relação entre o que a escrita urbana faz e o que diz, entendemos que o que está em jogo nessas imagens não é somente o que se risca, mas o próprio gesto, contido no rastro e nele prolongado, de riscar a cidade — o que configura, também, um modo de percebê-la, de “desarquivar” tal gesto através do olhar. Entre gestos e rastros, as escritas urbanas, carreguem elas frases “de amor” ou “de protesto”, configuram-se como um agir urbano de potência micropolítica, ao inventar táticas de existência na cidade, tais quais o próprio percorrer, perceber e habitá-la de outras maneiras.

Palavras-chave: Escritas urbanas. Cidade. Imagem. Caminhar. Fortaleza.

SCRATCH THE CITY IN GESTURES AND TRAILS, WALKS AND IMAGES: URBAN WRITINGS AS AN URBAN ACT OF MICROPOLITICAL POTENCY

Abstract: The practices of the collective Narrativas Possíveis, from Fortaleza/CE, are transmuted in the research Cidade Caminhante, in which, through walking, we seek the encounter with urban writings (phrases and words left on the surfaces of the city in the form of graffiti, stencil, wheat-paste). To this end, we mobilized a combination of research methods-tactics: walking, photography, audiovisual and drawing. In this article, we share two of the walks taken in the Center of Fortaleza/CE, in order to, through encounters with such images, think about the ways in which they operate in the city. Perceiving the relationship between what urban writing does and what it says, we understand that what is at stake in these images is not only what is scratched, but the very gesture, contained in the trail and prolonged, of scratching the city, that also configures a way of perceiving it, of “unarchiving” the gesture through the look. Between gestures and traces, the urban writings, carrying phrases “of love” or “of protest”, are configured

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC). Co-criadora do coletivo Narrativas Possíveis. E-mail: alicedote@gmail.com.

as an urban action of micropolitical potency, by inventing tactics of existence in the city, such as walking, perceiving and inhabiting it in other ways.

Keywords: Urban Writings. City. Image. Walking. Fortaleza.

*RASCA LA CIUDAD EN GESTOS Y HUELLAS, CAMINADAS E IMÁGENES: ESCRITAS URBANAS
COMO UN ACTO URBANO DE POTENCIA MICROPOLÍTICA*

Resumen: Las practicas del colectivo Narrativas Possíveis, de Fortaleza/CE, originam la investigación Cidade Caminhante, en la cual, a través de la caminata, buscamos el encuentro con escritos urbanos (frases y palabras dejadas en las superficies de la ciudad en forma de pintadas, stencil, paste up). Con este fin, movilizamos una combinación de métodos-tácticas de investigación: caminar, fotografía, audiovisual y dibujo. En este artículo, compartimos dos de las caminatas realizadas en el Centro de Fortaleza/CE para, a través de encuentros con tales imágenes, pensar en las formas en que operan en la ciudad. Al percibir la relación entre lo que hace la escritura urbana y lo que dice, entendemos que lo que está en juego en estas imágenes no es solo lo que está rayado, sino el gesto mismo, contenido en el rastro y prolongado, de rascar la ciudad, el que también configura una forma de percibirlo, de “desarchivar” tal gesto a través de la mirada. Entre los gestos y las huellas, los escritos urbanos, que llevan frases “de amor” o “de protesta”, se configuran como una acción urbana de potencia micropolítica, al inventar tácticas de existencia en la ciudad, como caminar, percibir y habitarla de otras maneras.

Palabras-clave: Escritas urbanas. Ciudad. Caminar. Micropolítica. Fortaleza.

DOS ENCONTROS E FEITURAS COM IMAGENS

“O Temer é mó paia” foi a primeira. A ela, seguiram-se setecentas outras fotografias de frases e palavras escritas nas superfícies urbanas. Nossos encontros com essas imagens, em percursos cotidianos, são compartilhados pelo Narrativas Possíveis² em suas páginas nas redes sociais³. “O Temer é mó paia” marca, na cartografia que foi se formando, ao longo de três anos, também na superfície do virtual, o início dessa trajetória, mas poderia ser — e talvez tenha sido — outro dos tantos riscos, em pixação, estêncil ou lambe-lambe⁴, que, antes mesmo da criação do coletivo, nos exerciam um

² Criado em maio de 2017, entre mim e o artista Alysson Lemos.

³ Pode-se conferir em: [instagram.com/narrativaspossiveis](https://www.instagram.com/narrativaspossiveis); [facebook.com/narrativaspossiveis](https://www.facebook.com/narrativaspossiveis)

⁴ “Pixação” é a denominação conferida, no Brasil, às intervenções ilegais na materialidade urbana, comumente realizadas com tinta spray. Alguns autores diferenciam a pichação (qualquer intervenção escrita na paisagem urbana) da pixação (na grafia nativa, são consideradas as assinaturas estilizadas, tags e xarpis, e outros escritos que utilizam gramática própria e são legíveis apenas para quem domina esses códigos) (LASSALA, 2010). Para muitos pixadores, “meter frase” não é pixação, enquanto outros avaliam positivamente uma nova configuração da pixação que acopla xarpis a frases legíveis (DIÓGENES, 2017). Opto por utilizar “pixação”, na grafia nativa, também para a escrita legível e ilegal de frases e palavras na

chamado constante em deslocamentos pela cidade de Fortaleza. Em um gesto impensado, movido apenas pela vontade e antecedendo, assim, qualquer finalidade, eu seguia parando para fotografar essas escritas errantes e, embora legíveis, um tanto misteriosas, imprevistas, intrigantes, indefinidas.

Fotografava-as quando surgiam a mim, sem que eu as procurasse. O registro, já quase impensado, era uma tentativa de levar comigo essas imagens que, embora não sejam “minhas”, passam a fazer parte da minha experiência de cidade.

Te ver sem te pegar nas redes da imobilidade. Te ver sem nem mesmo querer te ‘ter’, sem nem saber o que eu teria visto de ti. Tua imagem, eu não a ‘posuo’ então. Mas ela fica em mim. É mesmo ela que me ‘possui’ doravante (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 19).

É como se, no encontro com essas imagens, encontro que vezes se faz num olhar que passa, vezes outras num olhar que se demora, se desse uma tal “apercebença”, termo cunhado pelo autor para falar do entrever das coisas, o fazer-se ver de imagens passantes, muitas vezes rastros de acontecimentos minúsculos. Entre aparições e desapareções, lampejam e deixam uma reminiscência atrás de si.

Imagem 1 – Algumas escritas urbanas fotografadas e compartilhadas pelo coletivo Narrativas Possíveis.



cidade. Quanto às outras técnicas, o estêncil utiliza moldes vazados e tinta para aplicação de frases e desenhos na materialidade urbana. Por lambe-lambe, designa-se tanto a técnica como os cartazes afixados na materialidade urbana, geralmente com uma espécie de cola caseira

O Narrativas Possíveis surge, assim, da vontade de “fazer algo com” uma prática que já nos era costumeira: fotografar frases e palavras que encontramos, em movimento, pela cidade de Fortaleza — o que, por sua vez, deriva de um gesto banal e desprezioso de dirigir o olhar ao que nela nos afeta. Essas imagens passam a ser compartilhadas, com localização e data, nas páginas do Narrativas Possíveis, e esse processo acaba por ir conferindo mais intencionalidade e reflexividade àquela prática. Passam, também, a nos convocar cada vez mais à rua, de modo a nos fazer modificar, sutilmente, as maneiras pelas quais a habitamos: por exemplo, fazendo mais percursos a pé, variando as ruas percorridas para chegar a um mesmo lugar, tomando percursos mais longos, variando as linhas de ônibus utilizadas.

Essas frases e palavras povoam muros, paredes, postes, lixeiras, cabines de telefone de uso público (orelhões), placas e outras superfícies da pele da cidade. Em diferentes técnicas, marcam a materialidade urbana com gritos de protesto, recados de amor, desabafo íntimos, dizeres irreverentes, palavras soltas e mesmo frases sem sentido aparente. Na tentativa de respeitar sua indeterminação e não encaixá-las previamente em uma categoria muito delimitada, decido chamá-las de escritas urbanas.

Se essas imagens, por vezes, gritam, tomando toda a altura de um muro, noutras, murmuram, como em escritas miúdas, realizadas com marcadores⁵, ou naquelas já desgastadas pelo tempo, nas encobertas por outras camadas de imagens, ou ainda nas escondidas em “cavidades” da materialidade urbana. Não há consenso ou alinhamento entre elas, que trilham uma plurivocidade de direções e povoam a rua em condição de mistura em seus tamanhos, cores, formas, materiais, autores, mensagens, destinatários, intenções. Logo quando o Narrativas Possíveis foi criado, decidimos evitar a elas impor princípios de classificação e separação, seja pelo tema da mensagem, pela técnica utilizada, ou pela localização onde as encontramos.

A coabitação pela qual existem nas superfícies na cidade encontra eco nas “superfícies” das páginas do coletivo nas redes sociais, onde vai se formando, através da montagem entre esses mínimos e efêmeros rastros colhidos, uma cartografia

⁵ Os marcadores de tinta permanente mais comuns são também conhecidos como “pincéis de quadro” (usados para quadros ou lousas brancas). Além desses, há outros modelos de marcadores mais sofisticados, como as Poscas.

singular de nossos percursos e encontros pela cidade, como um “mapeamento da cidade através dos aparentemente insignificantes acenos que ela lhe faz” (BRISSAC, 2004, p. 29). A mistura está presente, portanto, tanto nos encontros como nas feitura: assim como surgem a nós na cidade, são levadas, como imagens-de-imagens, a essa espécie de outro “platô” de cidade, ou outra superfície citadina, no virtual ⁶.

Desde a criação do coletivo, nesse exercício de inquietação dos passos e do olhar, as escritas urbanas têm se revelado em proliferação cada vez maior em meus percursos, mesmo naqueles demasiado familiares. E tais aparições, por sua vez, convocam-me a continuar o caminhar: é como se essas imagens, não sendo “dados” inertes à nossa espera, nos pedissem e provocassem um modo atento e disposto do olhar em movimento, o que configura, já, uma maneira outra de percorrer e estar na cidade: se o que procuramos são imagens fugidias, caminhamos como quem segue os mais ínfimos indícios, olhando para o chão, torneando postes, agachando-nos frente a lixeiras, auscultando orelhões, detendo-nos diante de riscos fantasmáticos, examinando mais de perto paredes apinhadas, distanciando-nos para dar espaço ao que precisa.

As práticas do coletivo tornaram-se indissociáveis dos meus fazeres cotidianos e, posteriormente, dos da pesquisa que ensejaram. Hoje, já não consigo mais andar na rua — seja de Fortaleza ou de uma cidade a mim desconhecida, seja “em campo” ou em um deslocamento qualquer — sem ficar reparando em suas paredes, bisbilhotando seus postes e parando para fotografar pequenos achados. Com isso, Fortaleza também foi como que mudando de rosto para mim, apresentando-se e interpelando-me através de suas escritas urbanas. Na instiga de um constante pensar a cidade através desses encontros, o Narrativas Possíveis passou a realizar outras atividades, como desenvolver oficinas, organizar e participar de eventos dedicados a cidade, imagem e artes urbanas. Posteriormente, a criação de intervenções — mais ou menos lidas como “arte urbana”⁷

⁶ Diógenes (2017, p.129), nesse sentido, refere-se a “necessidade de uma conectividade entre planos de cidade: o âmbito do espaço material e a esfera dos fluxos e redes digitais”.

⁷ Por exemplo, aquelas que se fazem notar pelo investimento em técnicas como lambe-lambe e desenho e pelas dimensões em que são realizadas são mais entendidas como arte urbana do que algumas diminutas, dispersas e simples escritas em marcador. Além disso, nessa leitura, é considerável a influência do âmbito no qual o trabalho se insere: se foi convidado por uma instituição ou faz parte da programação de um festival de arte urbana, ou se é feito de forma independente. Ainda é necessário salientar que tais interpretações não independem dos sujeitos nelas envolvidos: noto que, sendo brancos de classe média, comumente não sofremos interpelações durante as intervenções, mesmo à luz do dia, de modo que esse é um considerável fator a influenciar na classificação das intervenções como arte urbana ou vandalismo — mas isso é assunto para outro momento.

— foi assumida como também uma prática do coletivo. Ainda assim, é esse andar-encontrar-fotografar o que nos mobiliza cotidianamente, mantendo-se ao longo dos últimos anos. É essa prática, a mais banal, que não nos deixa sossegar. Como um fazer que já é próprio da maneira como habitamos a cidade, se dá a todo momento em que colocamos o pé na rua e estamos sujeitos a tais afecções. E isso é já um fazer antes dos outros fazeres aos quais ele nos leva.

São dessas trajetórias que surge a pesquisa Cidade Caminhante⁸. Com o tempo, fui percebendo que a cidade já habitada, percorrida e marcada na atuação do coletivo é a cidade com a qual pesquiso. Entrelaçando, também, as tantas linhas que nos compõem, enquanto habitantes de Fortaleza, pesquisadores, coletivos, artistas visuais, parto do que já venho fazendo, nas práticas e nos encontros do Narrativas Possíveis, durante os últimos anos, agora refletido epistemológica e metodologicamente na antropologia urbana. Logo sabemos: qualquer tentativa de separação é improdutiva e desnecessária. Aqui também se atravessam, emaranham e confundem as linhas que constituem a pesquisa e os modos de fazê-la⁹.

Nesta pesquisa, busco, através de caminhadas, o encontro com escritas urbanas que habitam as ruas do Centro de Fortaleza¹⁰. Uma combinatória de métodos-táticas, maneiras de habitar, percorrer e conhecer o espaço praticado, compõe e configura esse caminhar: fotografia, audiovisual e desenho¹¹. Neste artigo, trago algumas reflexões que essa trajetória tem ensejado em relação à potência micropolítica das escritas urbanas. Das dezoito caminhadas realizadas para a pesquisa, seleciono as duas primeiras, feitas em novembro de 2018 e fevereiro de 2019, partilhando as escritas

⁸ Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da professora Glória Diógenes.

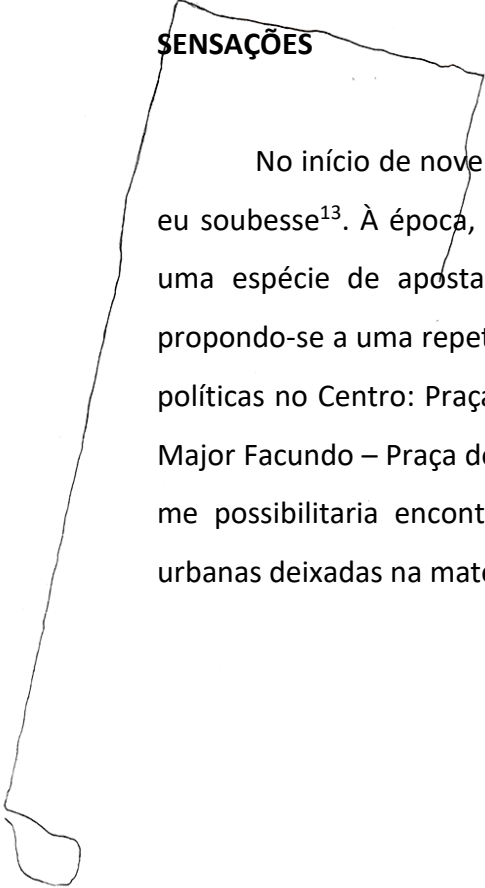
⁹ Embora isso não esteja expressamente declarado em passagens no texto, as práticas do coletivo e da pesquisa se interpenetraram e confundiram várias vezes. Quando fomos convidados a participar de eventos como Narrativas Possíveis, a minha fala estava impregnada dessa pesquisa; quando participei de eventos acadêmicos, falei do e como coletivo. As escritas urbanas compartilhadas pelo coletivo em suas páginas, bem como trabalhos de arte urbana, têm sua origem em experiências de campo. Assim também, intervimos, em ocasiões “em campo” e como coletivo, no lócus da pesquisa.

¹⁰ Em Fortaleza, por Centro entende-se tanto o bairro assim denominado, como a área considerada “centro histórico” da cidade (esse proposto como um quadrilátero no interior do bairro). Por conta do escopo deste texto, não nos deteremos em uma contextualização do lócus de pesquisa.

¹¹ O que trago no presente artigo é, notadamente, um pequeno recorte das caminhadas da pesquisa e das discussões que ensejam. Para conferir as imagens encontradas e criadas, bem como todas as caminhadas realizadas, pode-se acessar: <http://cidadecaminhante.tumblr.com>. Essa, uma outra “superfície” da pesquisa, objetiva tecer sua partilha através de suas imagens.

urbanas encontradas nesses caminhos¹². Os trajetos efetuados insinuam-se nos desenhos de percursos trazidos junto ao texto. As imagens que vêm a seguir, algumas entre centenas, não foram selecionadas por considerá-las “representativas” desse conjunto, de uma rua ou de um tal percurso, mas pelo que elas me dispararam e me fizeram pensar, o que de algum modo se refere também a outras encontradas durante a pesquisa e mesmo na atuação do coletivo Narrativas Possíveis (de tal modo que, inclusive, permito-me, de certos momentos, trazer fotografias de outras caminhadas realizadas muitos meses depois dessas). Assim, mesmo detendo-me em tais experiências, podemos dizer que tratamos de um repertório de imagens disperso, no intuito de refletir as maneiras pelas quais operam na cidade.

CAMINHADAS PELA MISTURA OU A LEGIBILIDADE QUE CONFUNDE: PRIMEIRAS SENSACIONES



No início de novembro de 2018, fiz a primeira caminhada da pesquisa sem que eu soubesse¹³. À época, estava às voltas com seus rumos, sendo essa incursão ainda uma espécie de aposta. O percurso não foi realizado completamente ao acaso, propondo-se a uma repetição de um daqueles geralmente seguidos por manifestações políticas no Centro: Praça da Bandeira – Rua General Sampaio – Rua São Paulo – Rua Major Facundo – Praça do Ferreira. Tinha por suposto que traçar esse mesmo caminho me possibilitaria encontrar os possíveis rastros de tais manifestações em escritas urbanas deixadas na materialidade urbana.

¹² É necessário salientar que não é possível trazer, neste texto, todas as escritas urbanas encontradas, de modo que as que aqui apresento são fragmentos desses percursos (também eles fragmentários). Todas as fotografias são de minha autoria.

¹³ É possível acessar um vídeo produzido nessa caminhada em: <https://bitly.com/mTBd6>.

Imagem 2 – Instituir o passe livre estudantil (Praça da Bandeira, Centro) (08/11/2018).

Imagem 3 – Abaixo o golpe! (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018).

Imagem 4 – Cuspi na cara do sol/ O céu comeu partido/ Mas foi só um chuvisco (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018).



Já na Praça da Bandeira e na Rua General Sampaio, que a ladeia, encontro algumas escritas que carregam palavras e expressões como: golpe, educação, passe livre, reforma do ensino médio, Temer... Dentre elas, uma que parece destoar do teor de “protesto” ao qual são comumente associadas essas intervenções: “Cuspi na cara do sol/ O céu comeu partido/ Mas foi só um chuvisco”. Seguindo pela General Sampaio, rua percorrida muitas vezes ao longo da pesquisa, vou revisitando escritas já conhecidas de outros tempos. Algumas, como “Direito não é favor” e “Temer tomar no cu”, há muito estão ali, já tendo sido, inclusive, fotografadas pelo Narrativas Possíveis. Temer (ou “Fora Temer”)¹⁴ continua como o nome mais repetido das intervenções, a esperança de “#Lula2018”¹⁵ remanesce, as mensagens características de movimentos anarquistas são as mesmas, e poucas são as menções às últimas eleições presidenciais (imaginava encontrar muitos “Ele não”¹⁶) ou aos recentes acontecimentos políticos do país¹⁷ . Ainda assim, refotografo todas, mesmo as já conhecidas.

¹⁴ O “Fora Temer” marca os protestos contra o governo Michel Temer, tendo início com o golpe-impeachment sofrido pela presidente Dilma Rousseff, em 2016.

¹⁵ Lula (Luiz Inácio Lula da Silva), do Partido dos Trabalhadores, é ex-presidente brasileiro. Em 2018, foi impedido de candidatar-se às eleições.

¹⁶ Nessas eleições, houve uma grande campanha, conduzida pelos setores de esquerda, contra o então candidato Jair Bolsonaro — o “Ele” de “Ele não”. A expressão marca a época.

¹⁷ Importa destacar que meu intuito, neste momento, não é realizar uma análise sobre tais acontecimentos para entender, por essas vias, os modos diferenciais pelos quais reverberaram nas escritas urbanas a eles referentes.

Imagem 5 – Ref Prev (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018).



Posteriormente, passeando por essas fotografias, percebo que muitas imagens são novas — se não na cidade, ao menos em meu “arquivo”. Uma delas, à qual não dei muita importância no momento do encontro, é só um resto de lambe-lambe que, pelas letras que deixou no pequeno pedaço de papel remanescente, permite-nos arriscar completar a leitura. Atentar às aparentes desimportâncias, já noto, é um esforço nunca garantido nem a quem é por elas facilmente atraído. Nossas percepções, moduladas por expectativas e frustrações, nos traem. Apesar de ter sido certa a impressão de que (Fora)Temer permanecia como o alvo principal de tais escritas — nenhum outro personagem é nelas tão redito —, noto que as escritas multiplicam-se para além da referência a esses personagens. As mensagens que carregam podem parecer batidas, mas, em suas combinações de tempos heterogêneos, mostram que algo perdura sempre o mesmo e sempre novo: o gesto de riscar a pele da cidade.

Imagem 6 – Direito não é favor (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018).

Imagem 7 – #Lula2018 (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018).

Imagem 8 – Fora política (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018).



Imagem 9 – Temer tomar no cu (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018)

Imagem 10 – Fora skins (Rua General Sampaio, Centro) (08/11/2018).

Imagem 11 – Vaga de emprego somente para eleitores de Bolsonaro (Travessa Severiano Ribeiro, Centro) (08/11/2018).

Imagem 12 – Redução? Só das mortalidades juvenis (Rua São Paulo, Centro) (08/11/2018).



Imagem 13 – Temer vai tremer capitalismo vai morrer (Rua São Paulo, Centro) (08/11/2018).

Imagem 14 – Temer ladrão (Rua São Paulo, Centro) (08/11/2018).

Imagem 15 – Xisrpa Temer (Rua São Paulo, Centro) (08/11/2018).

Imagem 16 – Temer carniça (Rua São Paulo, Centro) (08/11/2018).



Três meses e uma virada de ano depois, faço outra dessas incursões ao Centro¹⁸. Esse percurso parece ser uma nova primeira vez¹⁹. Já há mais intencionalidade no caminhar, ainda que não tenha esboçado nenhum trajeto. Partindo da Rua Major Facundo, próximo à Praça do Ferreira, apenas “saio andando”. Deixo os caminhos e caminharas me conduzirem. Nas anotações em diário de campo, são muitas as considerações sobre o próprio movimento, os métodos da pesquisa e o campo que parece ir se delineando. Entre elas, vou tecendo as sensações provocadas nos encontros com as escritas urbanas.

Imagem 17 – Fopa Eme (Rua Pedro Borges, Centro) (16/02/2019).



“Fopa Eme” — decerto um resto de “Fora Temer” — é a primeira delas. Ao refazer esse percurso posteriormente, através das fotografias, surpreendo-me ao descobrir que tal encontro demorou apenas oito minutos de caminhada a acontecer. Mais adiante, na parede da Igreja do Rosário que dá para a Rua Guilherme Rocha, encontro uma escrita que será uma presença constante nesta pesquisa: “Qualquer coisa XD”. Na improvisação dos caminhos, as escolhas ao acaso nos abrem diferentes possibilidades. O primeiro de muitos “Zonzo” descobertos nas ruas do Centro estava apenas alguns metros distante, na mesma rua, no muro amarelo da Academia Cearense de Letras. Não o vejo. Pelas voltas dos caminhos, acabo passando por essa rua

¹⁸ É possível acessar um vídeo produzido nessa caminhada em: <https://bitly.com/SnaTQ>.

¹⁹ A caminhada de novembro de 2018 ainda era conduzida por outras hipóteses e possibilidades para a pesquisa. Só depois, revisitando o material produzido, ela passa a se comunicar melhor com a série de caminhadas realizadas em 2019. Só em fevereiro de 2019, portanto, é que começo a empreender essas caminhadas de maneira mais sistemática.

novamente, agora noutra direção, e só então ele surge. Por pedaços de rua, por alguns metros, pela distração do olhar, “perdemos” algo. Mas também é quase por um triz que achamos, mesmo que as condições sejam desfavoráveis: é difícil enxergar um pequeno risco em marcador, numa fatia de parede entre portões, sob grades. Mas vejo: “Travesti”.

Imagem 18 – Qualquer coisa XD (Rua Guilherme Rocha, Centro) (16/02/2019).

Imagem 19 – Zonzo (Rua Guilherme Rocha, Centro) (16/02/2019).

Imagem 20 – Travesti (Praça dos Leões, Centro) (16/02/2019).



Penso na ânsia com a qual vou à rua quando vou “a campo”. Apesar de ser o mesmo Centro de toda a vida, quando vou “fazer pesquisa” desejo encontrar paredes pontilhadas de novas intervenções. Percebo que isso nem sempre acontecerá. Caminhando pelos arredores da Praça do Ferreira e da Praça dos Leões, espaços familiares para mim, muito do que vejo já fora fotografado em outras situações, existindo nas imagens-de-imagens guardadas em algum lugar dos meus arquivos de fotografias, ou mesmo nas páginas do Narrativas Possíveis.

Mesmo assim, refotografo tudo, o que se torna uma tática de pesquisa: uma tentativa de perceber algo do ainda não visto no já visto. A redundância é proposital. Refotografar torna-se também uma forma de marcar o percurso e de registrar, de tempos em tempos, em espaços de novo frequentados, o que muda, o que fica, o que se apaga, o que se adiciona, nessas efêmeras marcas. Acompanhar, ainda, o seu caminhar no tempo.

A tática da repetição, curiosamente, desafia a impressão de ver repetir o mesmo no tempo e no espaço. Como imagens continuamente “acontecendo” junto aos acontecimentos urbanos, ao material sobre o qual agem e que nelas age, às intervenções dos corpos e do tempo, são imagens abertas e inconclusas. Guardam, assim, uma centelha do desconhecido no mesmo, uma possibilidade de surpresa no

costumeiro. Furtando-se da entrega à imutabilidade no tempo, furtam-se, também, à entrega inteira e inequívoca ao olhar. “Bebo mar por você”, frase já conhecida de outras superfícies da cidade, não diz o mesmo a mim ontem e hoje. Não diz o mesmo a mim e a ti. Cada um que por ela é atravessado, nela deposita seu cadinho de sensações, de modo a ultrapassar o seu autor e sua intenção.

Diz Flusser (2010, p. 67) que “textos são uma procura do outro, mesmo quando quem escreve está ciente ou não, ou até mesmo indiferente”. São como braços estendidos. Quando numa parede, parece não importar tanto quem estende os braços, para quem e quem, imprevistamente, os abraça. O “tu”, de “Tu prometeu ficar”, pode ser ninguém, alguém, tanta gente. Não à toa, encontramos uma intervenção na intervenção: “E saiu fora” (como quem diz: “não importa saber quem *te* prometeu ficar, pois a mim alguém também o fez, e saiu fora”).

A conversa na parede parece ser como um atravessamento de afetos entre anônimos. Essas escritas — majoritariamente anônimas, de autor e endereçamento indefinidos — são apropriadas por quem por elas passa e por elas sente-se tocado, como se a ponta dos dedos daqueles braços estendidos chegasse à pele do outro. Apropriamo-nos dessas imagens que nos emprestam palavra; alguns até se sentem provocados à participação para além do olhar. Também eles deixam seus rastros nessa superfície.

Nas paredes que ladeiam essa travessa na Praça dos Leões — que só nas últimas caminhadas da pesquisa descubro chamar-se “Morada Nova” —, são sempre muitas as intervenções. A maioria delas é pequena, feita com marcadores, e trata dessas grandes pequenezas da vida, ou tornam as coisas do alto escalão da importância assunto também do pequeno. Volta e meia, passo por aqui a conferir o que chega à sua nova e temporária morada, e a novidade pode ser tanto uma fresca marca deixada quanto um antigo risco que só agora vejo, ou até mesmo o desaparecimento de escritas que venho acompanhando. Esses breves metros de parede renovam, constantemente, alguma

Imagem 21 – Tu prometeu ficar / E saiu fora (Praça dos Leões, Centro) (16/02/2019).



reflexão ao longo da pesquisa. Uma delas indaga sobre o que essas escritas têm de cidade no íntimo que carregam.

Imagem 22 – Beijos (Praça do Ferreira, Centro) (16/02/2019).



Imagem 23 – Greve Geral (Praça do Ferreira, Centro) (16/02/2019).



Imagem 24 – Será que ela vai t (Praça do Ferreira, Centro) (16/02/2019).



ela vai t”.

Seria precipitado pensar que há uma espécie de escrita destinada ao “fora”, aos muros, e outra destinada ao “dentro”, às portas de banheiro, diários e “muros” de redes sociais. Como já percebia durante a trajetória do Narrativas Possíveis, nas tantas escritas de amor (e dor) encontradas, vou confirmando, ao longo da pesquisa, que essa separação é embaralhada, confundida, desafiada nas superfícies urbanas. As escritas íntimas podem estar — e estão — nas ruas e, mais importante, não apenas como “inocentes” declarações de amor, mas como indícios de que esses espaços são percorridos e marcados. Assim, de alguma forma, elas não “profanam”, como diz Agamben (2007b), essa separação do que configura um escrito de “casa” e um escrito de “rua”, o que é de interesse “público” ou “privado”, o que é frase “de afeto” ou “de política”?

Os beijos vermelhos deixados no granito de uma banca de jornal na Praça do Ferreira dizem-me: não adianta forjar a separação, calca-se o lugar do íntimo também nas superfícies urbanas. O antigo “Greve Geral”, que já deve ter passado por algumas greves, permanece em outra face da banca. Só na fotografia, depois, vejo que acima da tinta azul há a sombra de um escrito não completamente legível, algo que deixou apenas uma delicada pegada como pista de que ali esteve. Se passo rápido o olhar, sugere um “amor”. No orelhão próximo à mesma banca, uma pequena frase é abandonada interrompida: “Será que

Ela quem? Vai o quê? Lembro-me das passagens incompletas de Benj(2018), que nos deixam a querer saber das lacunas e, às vezes, imaginá-las. Essa é uma miudeza quase invisível no orelhão, como aqueles beijos: beijos a alguém, talvez? Mas, também, só por ali estarem, beijos à cidade, beijos na cidade, ou, nas palavras de Jacques (2012), “coimplicação” corpo-cidade. Essa imagem me faz pensar que deixamos um pouco de nós na cidade nessas escritas, digam elas “Temer carniça”, “Bebo mar por você” ou mesmo “Qualquer coisa”. Como ter olhos para vê-las, elas que por vezes emitem apenas fracos sinais ou confundem-se com outras “sujeiras” na materialidade urbana, mas também para “enxergar” o gesto que elas, somente sua marca visível, carregam e estendem no tempo?

ESCREVER NA CIDADE, ESCREVER A CIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE UM AGIR URBANO DE POTÊNCIA MICROPOLÍTICA

Na obra de Deleuze e Guattari (2012a, p. 99), cada ato de produção de realidade é, em si, político: “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica”. As sociedades, pessoas e coisas são atravessadas por segmentaridades molares e moleculares, as quais se distinguem, mas são inseparáveis. Mesmo que os segmentos molares (que podemos remeter, mas não resumir, ao aparelho de Estado) continuem a se endurecer para vedar o que escapa dos seus limites, no vetor da micropolítica, não menos extensivo e real, produz-se uma molecularização de tais instâncias, e, assim, não se para de remanejar e agitar esses segmentos, de percorrê-los e arrastá-los por micro movimentos, de traçar linhas de fuga, de inventar armas:

A grande política nunca pode manipular seus conjuntos molares sem passar por essas micro-injeções, essas infiltrações que a favorecem ou que lhe criam obstáculo (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 85).

O Centro foi palco e personagem de muitos dos principais acontecimentos políticos da cidade, desde o seu surgimento. Pelas suas ruas e praças, passaram manifestações, atos, passeatas, comícios, revoltas, greves e, de modo geral, expressões das formas clássicas de luta popular. Ainda hoje, o Centro é a área preferida das manifestações políticas autodenominadas de esquerda, além de lugar de exercício cotidiano da (micro)política. Parece ser nesse entre-vetores molares e moleculares que

as escritas urbanas se situam. Dentre as encontradas, são notáveis aquelas características das formas de organização política mais convencional, à maneira dos “Fora Temer” ou “Abaixo o golpe!” mostrados acima. Noto que algumas acompanham-se de siglas de movimentos organizados (como o Anarquista, o UJS, o RUA e o FOB²⁰), enquanto outras, com frases de teor aproximado, mantêm-se anônimas e variam em suas formas e técnicas. Temos de “Fogo no Bolsonaro FOB”, como veremos adiante, a “Bolsonaro cuzão +cedo”²¹, separados apenas por alguns quarteirões.

Talvez tenha sido na Greve Geral de 2017 que se esboçou o que virou um hábito e, posteriormente, uma tática de pesquisa: ao perceber que muitas escritas como essas podem ser vestígios de manifestações políticas, passo a acompanhá-las atenta aos muros e paredes que as abarcam, interessada por o que contam os rastros deixados por esses acontecimentos e que, talvez, o “prolongam”. É como se, durante ou após os atos, pudéssemos percorrê-lo através das escritas que pontuam o caminho²². A partir de 2018, apressei-me em refazer tais percursos, ao notar que logo as intervenções poderiam ser apagadas²³. Assim, em 2019, quando se especializou e intensificou a pesquisa de campo no Centro, busquei participar das manifestações que lá ocorreram, incluindo-as como caminhadas de campo, bem como repetir, posteriormente, os trajetos que fizeram, à procura de seus prováveis rastros.

Seguindo a vocação das expressões urbanas que se alimentam de momentos históricos²⁴ (SILVA, 2014), tais escritas — arrisco dizer, não só as “de protesto”, mas as demais que compõem essas misturas — são como caixas de ressonância da vida política brasileira. É interessante notar, como aponta Fraenkel (2017), que, se elas podem estar reguladas por uma “memória ativista”, repetindo alguns modelos conhecidos ou

²⁰ União da Juventude Socialista, Juventude Anticapitalista e Fórum de Oposições pela Base (hoje Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil), respectivamente.

²¹ Essa, fotografada em fevereiro de 2020, na Praça dos Leões, é uma das escritas urbanas que compõem a Imagem 1 do presente texto.

²² No entanto, como pude conferir, de forma mais sistemática, ao longo da pesquisa, nem todas as manifestações deixam tantos vestígios assim.

²³ Muito presentes, para mim, são as lembranças da Manifestação Ele Não (29/09/2018), no bairro Praia de Iracema (vizinho ao Centro), e do percurso por mim refeito, apenas cinco dias depois, na intenção de fotografar as escritas urbanas que não pude registrar no momento da manifestação e, quiçá, achar outras. Algumas ainda existiam, mas muitas outras (que eu fizera e/ou fotografara, inclusive) duraram menos de uma semana.

²⁴ À maneira das escritas urbanas do maio de 1968 francês, que na literatura sobre o tema é considerado o modelo desse tipo de expressão urbana fundado na palavra. Armando Silva (2014) também fala sobre a proliferação desse tipo de intervenção, nos anos 1970 e 1980, na América Latina.

assumindo a forma de *slogans* (por exemplo, “Fora política” ou “Greve geral”), essas fórmulas são atualizadas pela criatividade e irreverência daqueles que escrevem, que não se limitam a copiar. Assim, podemos nos perguntar se essas intervenções, geralmente lidas como protestos, reivindicações e denúncias, resumem-se a isso, ou se são a expressão de algo que extrapola essa ordem e que fala para além do que é dito, se considerarmos, novamente com Fraenkel (2017, p. 321), que a “força gráfica da inscrição” reside tanto quanto ou mais ainda no próprio ato de escrever e na sua exposição, de modo a outorgar ao que é ali “falado” um valor específico. Trata-se do gesto contido no rastro, como dito anteriormente.

O que o caminhar atento leva-me a achar são camadas de rastros de manifestações diversas, bem como de outras situações cotidianas²⁵, que se acumulam nos muros, paredes e portões. As “pautas” consideradas políticas misturam-se entre si, bem como entre demais escritas que, comumente, não seriam assim entendidas, de modo que as ruas não só “transportam” ou “traduzem” a macropolítica, ou a política de Estado, nesses riscos, mas a reinventam. Nas superfícies do Centro, tanto permanecem escritas deixadas em outros anos, como novas delas continuam a brotar, mesmo que os riscos empunhados não sejam somente os gritos, palavras de ordem e *hashtags*²⁶ que, volta e meia, despontam.

Tal mistura é produzida também pelos caminhos que o olhar percorre no espaço e no tempo. Com a repetição das andanças, é possível descobrir não só o novo, mas o que se produz na persistência de uma presença anacrônica nessas paredes. Naquela primeira caminhada da pesquisa, em novembro de 2018, fotografei uma intervenção que voltaria a encontrar muitas vezes ao longo do ano seguinte: na Rua São Paulo, uma parede mantém as mesmas intervenções há anos, mas essas são constantemente reatualizadas, seja pelo desgaste dos materiais, por pequenas reformas na parede, pela sobreposição de cartazes de campanhas eleitorais e *bombs*²⁷, seja pela intervenção na

²⁵ Na Greve Geral, risca-se as paredes. Mas também na noite em festa, na noite silenciosa, nas andanças cotidianas, nos domingos de portões fechados...

²⁶ *Hashtag* é um termo ou palavra-chave antecedido pelo símbolo do “jogo da velha” (#). Nas redes sociais, o uso da *hashtag* serve para indexar uma publicação a tal assunto. Tornou-se comum, em campanhas políticas, utilizar-se da ferramenta, como é possível notar no “#elenão”.

²⁷ O *bomb* é, de modo geral, entendido como o *graffiti* de natureza ilegal. Como mostra Lara Denise Silva (2013) em pesquisa sobre o tema em Fortaleza, não há um consenso na noção nativa de *bomb*, essa podendo indicar uma técnica e um estilo (letras grandes e preenchidas) ou o ato ilegal.

intervenção que renova o nome dos presidenciáveis. No mesmo quarteirão, surgiu, em 2019, outra escrita que, junto àquelas, parece formar, entre uma calçada e outra, uma constelação de tempos heterogêneos da vida política brasileira.

Imagem 25 – Se soubesse tinha votado no Aécio, era mesma merda (Rua São Paulo, Centro) (08/11/2018).

Imagem 26 – Votei no Lula e na Dilma Se soubesse tinha votado no Aécio, era mesma merda (Rua São Paulo, Centro) (19/02/2019).



Imagem 27 – Votei no Lula Bozoo e na Dilma Se soubesse tinha votado no Aécio, era mesma merda (Rua São Paulo, Centro) (23/11/2019).



Imagem 28 – Fogo no Bolsonaro FOB (Rua São Paulo, Centro) (23/11/2019).



Essas escritas, que caminham em várias direções, parecem ser expressões de uma “multidão” que não conseguimos (nem pretendemos) categorizar. O conceito, de Hardt e Negri (2015), não é uma concepção homogênea como “o povo” ou “a massa”, não totaliza um conjunto embotado e indiferente, pelo contrário: na multidão, as diferenças — de modos de trabalho, de maneiras de viver, de desejos — são expressas em uma multiplicidade anônima, descontínua e difusa direcionada a um agir em comum. Por isso, não se deixa localizar e capturar a partir de uma lógica de identidade e unidade.

É o que acontece nas muitas escritas urbanas encontradas ao longo desses percursos no Centro de Fortaleza. Poderíamos até tentar designar algumas como dizeres próprios de movimentos anarquistas, feministas, LGBTQ+, antirracistas etc., no entanto, elas coexistam nas ruas em condição de mistura, prescindindo de curadoria prévia das

frases e dos espaços, bem como de critérios de coerência e conformidade. Sobrepondo-se umas às outras, confundindo-se entre si, ocupando os mesmos pedaços de parede, tornando-se isso e aquilo, tornando-se nada disso, compõem algo como uma obra aberta e em mutação nas relações imprevistas entre si, com os acontecimentos urbanos e com o olhar de quem observa. Essas simples e legíveis escritas confundem-nos em sua legibilidade, parecendo-nos inumeráveis, como as abelhas de um enxame. Como dizem Deleuze e Guattari (2012b, p. 186), “o que caracteriza o inumerável não é nem o conjunto nem os elementos; é antes a *conexão*, o ‘e’, que se produz entre os elementos, entre os conjuntos”.

Talvez seja no que se produz e no que é “entreapercebido” no encontro entre uma coisa e outra, uma escrita “de amor” e uma “de protesto”, uma pixação e um estêncil, uma frase “feminista” e uma “antirracista” (se preferirmos o apaziguamento das classificações delimitadas), que possamos ver a potência do dissenso. Com Judith Butler (2018), em *Corpos em Aliança*, pensamos na ação conjunta dessas escritas, que carregam consigo a presença implícita de corpos a percorrerem e marcarem esses espaços — ou, dito de outro modo, a inscrição de corpos na cidade. Nas ruas, as escritas urbanas compõem fraseados que são como “alianças” improváveis, imprevisíveis e incontroláveis, as quais não compreendem necessariamente um acordo deliberado, tampouco a fusão dos corpos em uma unidade impossível ou o estabelecimento prévio de um sujeito coletivo: a aliança acontece no “entre”, que tanto vincula quanto diferencia (BUTLER, 2018).

Permanece algo mudo, mas latente, nessas frases e palavras que encontramos: *alguém*, um *corpo*, ou melhor, *vários corpos*, estiveram ali e, de algum modo, apropriaram-se daquele espaço. Assim, mesmo fundadas na palavra — que é já gesto e imagem²⁸ —, as escritas urbanas operam por *mostração*, dizendo algo no próprio modo de se mostrarem (BOEHM, 2017). Isso, por si só, já é um agir urbano politicamente significativo, antes mesmo de ser feita qualquer “reivindicação” traduzível em termos da política de Estado e passível de sobrecodificação, de modo que, com Szaniecki (2007),

²⁸ É curioso que, embora, desde o Narrativas Possíveis, minha atração tenha se voltado às frases e palavras escritas na materialidade urbana (e não a outras formas de intervenção, como murais e *graffitis*), sempre operei um pensamento da *imagem*. Assim, tendo a pactuar com Armando Silva (2014, p. 89), quando esse diz que a intervenção, “seja em sua forma verbal, seja na forma icônica ou seja na forma mista, propende a ser elaborado como imagem e a ser lido ou contemplado na mesma maneira”.

podemos compreender que as expressões desses muitos são irredutíveis a qualquer totalização e irrepresentáveis esteticamente e politicamente.

O que querem esses que escrevem e se inscrevem nas ruas? Será que a polifonia de suas vozes pode ser entendida apenas na lógica da macropolítica? Decerto, essa multidão quer, sim, “Redução das mortalidades juvenis” ou “Instituir o passe livre estudantil”, como vimos anteriormente, mas também algo que não se expressa somente na “mensagem” que esses dizeres carregam, e, portanto, menos reconhecível de pronto. Talvez, o que também queira, diz Pelbart, sejam:

novas maneiras de exercer sua potência, de fazer valer o seu desejo, de pôr para funcionar sua libido coletiva, de redesenhar a lógica da cidade, da coexistência, inclusive da ruptura, do dissenso, da dissidência, da irrupção do novo (PELBART, 2015, P. 23-24).

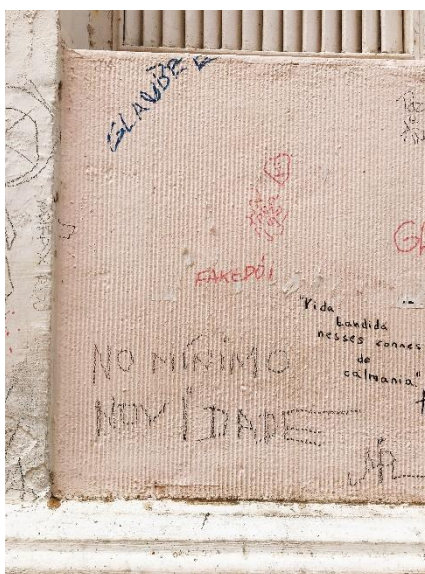
Por isso, tais práticas, em si, parecem ser menos negociáveis que as mensagens por elas veiculadas. Assistindo ao sutil passar dos tempos nas escritas urbanas, ao longo dos últimos anos, penso que, desde que se começou a usar a materialidade urbana como papel, nunca faltou o que nela se riscar, pois o que move tais escritas e o que elas põem em jogo não é somente o conteúdo expresso na escrita (o que se escreve), mas a própria escrita (o ato de escrever). Por conseguinte, os objetivos políticos explícitos variam, mas algum outro objetivo (ou desejo) implícito já mobiliza e é mobilizado no próprio gesto de escrever, e escrever na cidade.

Pensemos, então, nessas escritas que não são traduzíveis de imediato na linguagem da macropolítica, por consistirem em declarações de amor, desabaços íntimos, deboches, irreverências, palavras soltas e frases sem sentido aparente. Não sendo codificadas, comumente, como protestos ou denúncias, estariam *fora* do âmbito da política? Voltemos à Praça dos Leões. Anteriormente, falava sobre a travessa do “Bebo mar por você” e do “Tu prometeu ficar”. Constantemente, volto à praça, especialmente, a esses breves metros dela, que renovam minhas impressões acerca do significado político expresso na própria mostra da imagem (ou desse imbróglio de imagens), no próprio gesto do risco — mesmo os minúsculos e, aparentemente, inofensivos.

Imagem 29 – Até quando? / Foi um insight e passou! / Bora pra Guaramiranga (Praça dos Leões, Centro) (23/11/2019).



Imagem 30 – Fake dói / No mínimo novidade / Vida bandida nesses corres de calma (Praça dos Leões, Centro) (23/11/2019).



Certamente, essas pequenas escritas, geralmente feitas com pincéis marcadores, são realizadas de modo mais fácil e menos arriscado do que outras expressões, como a pixação e o *bomb*, podendo ser menos “sedutoras” para alguns e até “bobas” ou “inúteis” para outros. No entanto, pela sua sutileza, qualquer um, a praticamente qualquer momento, pode fazê-las. Ainda assim, ou mesmo por isso, compreende um gesto — astucioso, sorrateiro e desobrigado da mania de grandeza das cidades superlativas — de apropriação do espaço. Tênu e quase imperceptível, é capaz

de mover-se silenciosamente e infiltrar-se por toda parte. Banais, pelo tamanho ou pelo conteúdo (mensagens “de amor” podem ser consideradas menos “perigosas”, portanto, não tão incômodas), tanto podem logo desaparecer pela sua fragilidade como podem sobreviver justamente na medida em que são consideradas insignificantes. Assim, aprendi a cavoucar espaços exíguos das superfícies urbanas: as faces dos postes, as laterais das caixas de energia, os côncavos e convexos dos orelhões, que quase sempre guardam a possibilidade de lá encontrarmos algo novo. Nesses, por exemplo, talvez por pouco importarem-se com eles (e aqui falo tanto do equipamento urbano como dos riscos nele efetuados), as escritas são mínimas, mas geralmente são muitas.

Imagem 31 – O Lula tá livre, babaca! (Praça dos Leões, Fortaleza) (23/11/2019).

Imagem 32 – No carnaval, é 3 por 10 / E tu gosta aqui do Lions? (Praça dos Leões, Fortaleza) (23/11/2019).

Imagem 34 – Na hora vc não pensa em nada?! A(M) (Praça dos Leões, Fortaleza) (23/11/2019).



Atentando para esses ditos afetuosos ou irreverentes, percebemos que a potência política das escritas urbanas não está apenas na sua mensagem, mas em uma combinação de elementos: entre mensagem, gesto e o lugar onde traçam sua existência, a rua. Para Campos (2009, p. 156), “o conteúdo expresso só alcança sentido enquanto infração”. O que, implicitamente, se expressa nessas imagens é o gesto transgressor, o agir no campo do proibido, a desobediência e a recusa da norma que residem na própria ação de riscar a materialidade urbana.

Assim, a mensagem das escritas urbanas pode ter uma faceta política mais consciente e clara, ou não, mas “na medida em que se situam no campo do confronto, revogação ou suspensão da ordem estabelecida, invocam uma dimensão política que não pode ser ignorada” (CAMPOS, 2016, p. 65).

É possível que se acuse a “inutilidade” de escritas que não se pode sequer categorizar prontamente como protestos de âmbito coletivo (o que ainda conferiria, em alguma medida, o alívio do consenso: mesmo que não se aprove, sabe-se o que é). Surge uma interrogação diante delas: quem as fez? Por quê? Para que servem? O que querem com isso? É arte, protesto, vandalismo? Esse espaço de dúvida intensifica-se quando nos deparamos com escritas urbanas como “Zonzo” ou “Foi um insight e passou!”, como vimos anteriormente. Esses riscos colocam-se em um espaço ainda mais irreconhecível de pronto, pois, embora possamos *ler* a frase ali escrita, resta uma gama de interrogações quanto a elas, configurando uma leitura “em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro”, alimentando, portanto, algum “desentendimento” (RANCIÈRE, 1996, p. 11).

Diógenes (2017, p. 120-121) fala do desentendimento que a linguagem do pixo suscita, “em seu aparente eclipse de sentido” e “sua natureza de complexa decodificação”. Com as escritas urbanas, a imagem parece nos dar tudo à vista, na obviedade de suas palavras, arranjadas em simples sentenças ou mesmo deixadas soltas. No entanto, se o desentendimento concerne a essas batalhas sensíveis, da criação de fissuras na ordem do visível e do dizível, como propõe Rancière (1996), nessas frases legíveis, mas aparentemente sem sentido ou porquê, pode-se criar também uma fenda de (des)entendimento. Àquelas interrogações que levantamos no parágrafo anterior podem somar-se outras: para que escrever isso que não é nem pixo? Que nem embola as palavras? Que nem protesta? Assim, podemos considerar que, não só com o *xarpi* embolado, mas também com as escritas legíveis, riscar a materialidade urbana talvez “faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho” (RANCIÈRE, 1996, p. 42).

Habitando uma zona de indiscernibilidade mesmo no campo das artes urbanas²⁹, as escritas urbanas operam abrindo pequenas brechas nas divisões e enquadramentos

²⁹ Não poderemos desenvolver essa discussão no presente artigo, no entanto, é interessante salientar, por ora, que as escritas urbanas, muitas vezes, não são classificadas nem como arte urbana nem como pixação, muitas vezes sendo relegadas a uma espécie de vandalismo “menor”, uma vez que parecem não carregar nem o extremo da escrita performática do pixo, nem a agressão visual da sua caligrafia embolada, por um lado, e, por outro, nem o investimento estético necessário tanto à arte urbana como à pixação. Noutras vezes, podem ser classificadas como ambos, ou ora são um, ora são outro, a depender da situação, do local, da técnica utilizada, do investimento estético percebido, daquele que risca, daquele

não só dos usos assinalados da cidade planejada, como dos sistemas de classificação das expressões urbanas. Fazem-se ler, talvez não para explicar, como meras “mensagens”, mas para confundir. Essa indeterminação no transitar entre um lugar e outro, sendo, às vezes, ambas as coisas, às vezes, nenhuma delas, parece ser uma de suas armas, como mostram Gorczewski, Albuquerque e Shiki (2016, p. 337):

um modo de operar a resistência parece ser disposto nas experiências que usam e abusam de uma variação de conceitos — e os modos de operacionaliza-los —, dificultando, assim, qualquer forma de codificação pré-definida. São essas experiências que fazem emergir conexões um tanto inesperadas, produzindo uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, promovendo a emergência de micropolíticas instituintes.

Importa, ainda, considerar que as práticas do espaço e os deslocamentos que as escritas urbanas compreendem, tanto para quem as produz quanto para quem as encontra, já é um agir urbano potente, uma vez que inventa uma cartografia outra a partir de pequenas insurgências da experiência urbana (JACQUES, 2012). Por si só, esse movimento, como um ato de enunciação e produção do espaço, é uma das múltiplas maneiras astuciosas e teimosas de circular e manifestar-se nas paisagens e passagens urbanas, contradizendo ou negando as prescrições normativas e disciplinadoras do espaço, contornando os dispositivos de vigilância, desmanchando enquadramentos e desorganizando deslocamentos, aumentando, assim, o número dos possíveis e dos interditos da cidade (CERTEAU, 1994).

As escritas urbanas, mostrando-se no que não é visível de imediato nas palavras, indicam uma certa poética da criação da cidade cotidiana como um texto escrito a muitas mãos, camada sobre camada, nessas práticas ordinárias, anônimas e não autorizadas, que se desviam do consumo utilitarista do espaço. Como algo que Michel de Certeau (1994) chama de “artes de fazer” e que podemos encontrar em Michel Agier (2011) como maneiras de “fazer cidade”, essas que de início podem parecer inócuas frases “de amor” ou batidas frases “de protesto” operam como fazeres e marcas de um espaço praticado. Ou seja, simultaneamente gestos e rastros, ou gesto que se prolonga

que olha. A intenção, aqui, não é conferir um lugar seguro às escritas urbanas nesse sistema de classificações: os polos de tensão parecem, na verdade, balizar a circulação das práticas, sujeitos e imagens, e, ao invés de haver entre eles uma oposição frontal, há uma “zona de deriva” (PERLONGHER, 1987, p. 190).

no rastro, provocando-nos a pensar como a cidade não apenas se mostra, mas *se faz* nos seus acenos mais insignificantes.

Se olharmos através das escritas, atentando para onde elas se cravam, lembramo-nos que elas escrevem — ilegalmente, sem pedir autorização ao proprietário, nem pagar pelo uso do suporte de propaganda — onde não se pode escrever. Riscar as superfícies da cidade não é autorizado e, paradoxalmente, por isso mesmo não precisa de autorização. Tais intervenções, geralmente, não são comissionadas ou selecionadas pelo crivo de uma banca que possui notório saber na área, não seguem as instruções de um edital, não têm obrigação de agradar um contratante. Não se inserem, necessariamente, em uma lógica mercantil, publicitária ou institucional, além de perverter o que se espera de uma pixação. Evidenciando uma proibição e, simultaneamente, contornando-a, o risco mostra o que é da imagem banido, mas *tornado* possível no próprio gesto de riscar, o qual, por sua vez, como mostra Silva (2014), não tendo uma obrigatoriedade, depende, antes de tudo, da vontade daquele que risca a cidade e das oportunidades que ela abre (ou que nela são abertas). É como se o querer-fazer tivesse ali sua realização, a cada vez que se escreve.

O que se quer, então, talvez não seja exatamente ou somente dizer “Fora Temer”, “Fake dói” ou “Até quando?”, mas escrever, escrever *alguma coisa qualquer* na cidade, escrever na cidade, escrever a cidade — algo, portanto, que diz mais do que a soma dessas letras escritas.

ENTRE GESTOS E RASTROS: COMO OPERAR CIDADES POSSÍVEIS?

Como tantos outros agires urbanos de potência micropolítica, as escritas urbanas dizem da invenção de táticas de existência — e existência *na cidade* —, que se constroem e manifestam já no próprio circular, ocupar e habitar os espaços de outras maneiras, aparentemente impossíveis. Como um agir criado em agenciamentos (de pessoas, coletivos, espaços, acontecimentos...) que não dispõem, estabelecida de antemão, uma única maneira de operar, suas práticas e expressões reconfiguram-se continuamente. É que, aqui, não estamos falando somente de grupos ou movimentos organizados que levam aos muros questões já pautadas na esfera macropolítica, mas de qualquer um que ali escreva “qualquer coisa”. Se o compreendo como um agir urbano

de potência micropolítica, é por entender que a política não é necessariamente ou somente a dos partidos, movimentos sindicais e palavras de ordem, mas também, como mostra Gorczewski (2015), a política que insurge onde quer que transcorra a vida humana.

Habitar o espaço dessa maneira também parece embaralhar o entendimento do que é de âmbito público ou privado, o que separa arte, cotidiano, vandalismo e política. Nisso, em si, há profanações de diversas ordens. Em Agamben (2007b, p. 59), profanar é restituir ao uso comum aquilo que está em uma esfera separada, o que compreende “abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular”. As escritas urbanas que encontramos nessas caminhadas jogam com as separações que a cidade prescrita e normatizada impõe, mas também com aquelas esboçadas pelos sistemas de classificações. As separações continuam a existir: o muro estabelece uma barreira entre os de dentro e os de fora, as categorias tentam dominar as práticas, a cidade continua a constranger os deslocamentos e a demarcar, diferencialmente, as maneiras de habitar os espaços. No entanto, tais separações, ou a impossibilidade de fazer experiência em seus entremeios, são furadas continuamente no próprio gesto de percorrer, riscar e implicar-se com a cidade nessa multidão de escritas, abrindo-as a novos possíveis usos (AGAMBEN, 2007b).

Disso decorre, mais uma vez, que esse pode ser entendido como um gesto político, na perspectiva proposta por Agamben (2007a; 2007b; 2008; 2018) da política como uma operação baseada na *inoperosidade*: torna inoperativas essas separações e os nossos gestos habituais, não por torná-los inativos, inertes, mas por desativar, mesmo que momentaneamente, suas funções costumeiras. Um muro não é erguido para riscar, mas para separar, conter; uma língua não é feita para confundir, mas para comunicar e informar³⁰; uma cidade não é planejada para que a *usemos* dessa maneira, mas, talvez por isso, inventamos o que com ela fazer.

Fazer, feitos, gesta — gesto. Quem propõe tal etimologia do “gesto” é Vilém Flusser (2014). O que está em jogo nessas imagens não é somente o que se risca, mas o próprio gesto de riscar a cidade — o que configura, também, um modo de percebê-las

³⁰ É interessante o que fala Agamben (2008) sobre o poema: uma operação linguística que torna essa língua, em suas funções comunicativas e informativas, inoperativa.

(a cidade e as imagens). Ao longo das caminhadas no Centro de Fortaleza à cata das escritas urbanas, percebi que eu não procurava pelas frases como texto isolado ou imagem final a ser interpretada, mas como rastros de um agir urbano, de modo que o, entre quem vê e coisa vista, o olhar compreende o “desarquivar” de um gesto nelas contido que diz da maneira como elas se exercem, acontecem, operam na cidade, e que continua “mudo” nessas expressões que consideramos tudo conseguir ler, como se esse gesto que as escritas urbanas carregam fosse “sempre gesto de não conseguir compreender-se na palavra” (AGAMBEN, 2017, p. 213).

Se atentarmos ao silêncio contido no que se faz ler, nas escritas urbanas, o mínimo experimentar de uma maneira outra de estar na (e com a) cidade diz tanto quanto (ou mais ainda) a mensagem que se faz ler. Flusser (2014, p. 17) define o gesto como “movimento no qual se articula uma liberdade, a fim de se revelar ou de se velar para o outro”. Tal liberdade não se trata do abstrato “ser livre”, nem da totalidade da vontade ou da determinação externa. Os gestos não são acidentes nem necessidade, são deliberados, motivados, compreendendo um fazer, portanto uma poética e uma ética, uma presença e a manifestação de uma maneira de estar no mundo, uma modificação da experiência de cidade para aquele que nele está engajado (e estruturando-o como possível para outrem). Gesto de tornar possível o impossível, o próprio habitar a cidade de outras maneiras.

Assim, entre a frase e a maneira como ela se faz existir e se dá a ver, pode articular-se uma relação entre gesto e rastro, entre o que a *escrita* urbana (entendida tanto como o ato de marcar a materialidade urbana quanto como a própria marca efetuada) *faz* e o que ela *diz*. Afinal, lembra-nos Didi-Huberman (2017, n.p.), “as imagens não são apenas coisas para representar; elas mesmas são coisas que estão no extremo de nossos corpos. [...] Uma imagem é um gesto”. Nesse sentido, talvez o olhar seja uma maneira de reativar, reavivar, “desarquivar” esse gesto contido na imagem, mesmo que tenhamos de, no movimento do traço visível à coisa ausente, reinventá-lo.

Por esse caminho, torna-se claro como nosso olhar — como pesquisadores, coletivos, habitantes da cidade — se engaja nas e reinventa as imagens que encontramos em nossas andanças, e essas, por sua vez, também “riscam” a cidade, seja ao nela deixar escritas urbanas, seja ao redesenhá-la no jogo dos passos, ou ainda ao recontá-la por meio do fazer antropológico (em palavras e imagens). Assim, por fim,

importa destacar que, se tratamos da potência micropolítica dos fenômenos que investigamos (ou *com* os quais nos relacionamos), podemos nos questionar, também, sobre o caráter político do fazer antropológico tecido ao rés do chão, entre gestos e rastros, caminhadas e imagens, encontros e feitura *com* a cidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Arte, Inoperatividade, Política. *In: Crítica do Contemporâneo*. Conferências Internacionais Serralves 2007. Porto, Portugal: Fundação Serralves, 2007a.

AGAMBEN, Giorgio. Kommerell, ou do gesto. *In: AGAMBEN, Giorgio. A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o gesto. *Revista Artefilosofia*. Universidade Federal de Ouro Preto / IFAC, n.4, jan. 2008. Ouro Preto: IFAC, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. Por uma ontologia e uma política do gesto. Edições Chão da Feira, *Caderno de Leituras*, n. 76, 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/04/cad76ok.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007b.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BOEHM, Gottfried. Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica. *In: ALLOA, Emmanuel (Org.). Pensar a imagem*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BRISSAC, Nelson. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, Ricardo. Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti. *Etnográfica*. v. 13 (1). 2009. pp. 145-170. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/1292>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CAMPOS, Ricardo. Visibilidades e invisibilidades urbanas. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 47, n. 1, jan/jun, 2016.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. “As imagens não são apenas coisas para representar”. Entrevista com Georges Didi-Huberman. 2017. *Revista IHU – Instituto*

Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/568830-as-imagens-nao-sao- apenas-coisas-para-representar-entrevista-com-georges-didi-huberman>. Acesso em: 15 jan. 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens-ocasiões*. São Paulo: Fotô Imagem e Arte, 2018.

DIÓGENES, Glória. Arte, pixo e política: dissenso, dissemelhança e desentendimento. *Vazantes*. v. 1. n. 2. 2017. pp. 115-134. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20500>. Acesso em: 10 jun. 2018.

FLUSSER, Vilém. *A escrita*. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. *Gestos*. São Paulo: Annablume, 2014.

FRAENKEL, Béatrice. Actos de escritura: cuando escribir es hacer. *Thémata*. Revista de Filosofía. n. 56, p. 319-329, julio-diciembre 2017. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/68788/14.%20Traducci%F3n.pdf;jsessionid=0E4CB222F05F77275D9892B5B1FBC002?sequence=1>. Acesso em: 07 fev. 2020.

GORCZEWSKI, Deisimer; ALBUQUERQUE, Aline; SHIKI, Cecília. Sobre poéticas políticas: micro intervenções na cidade de Fortaleza. *In: COSTA, Robson Xavier et al. (Orgs.). Arte e política: IV Diálogos Internacionais em Artes Visuais e I Encontro Regional da ANPAP/NE*. Recife: Editora UFPE, 2016.

GORCZEWSKI, Deisimer. Um convite aos afetos. *In: GORCZEWSKI, Deisimer. (Org.). Arte que inventa afetos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

LASSALA, Gustavo. *Pichação não é Pixação*. 1 ed. São Paulo: Altamira, 2010.

PELBART, Peter Pál. A terra, a guerra, a insurreição. *Revista Eco Pó*s. v. 18. n. 2. 2015. pp. 161-170. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2665. Acesso em: 10 set. 2016.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SILVA, Armando. *Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SILVA, Lara Denise Oliveira. *De olhos nos muros: itinerários do graffiti em Fortaleza*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2013.

SZANIECKI, Barbara. *Estética da multidão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.